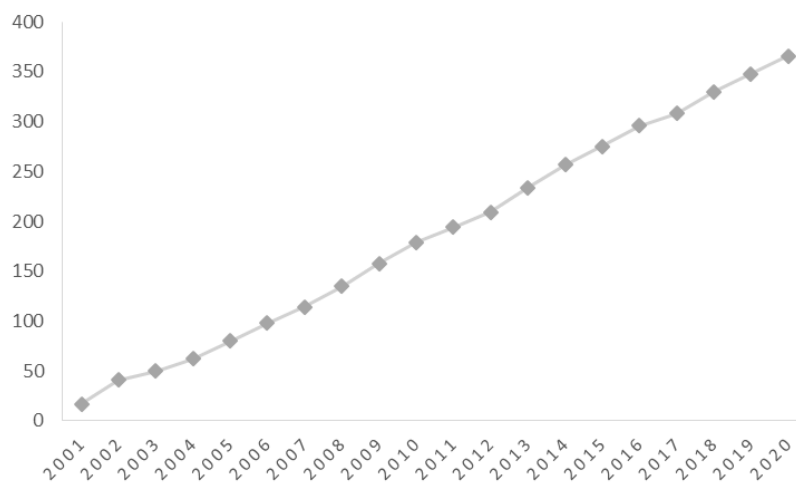


behaviors



Sumário

Editorial	1
Um preâmbulo: A história da AC na PUC-SP Vitor Duncan Marinho.....	3
Efeitos do Acesso a Expressões de Indivíduos sobre Explicações de seus Comportamentos Marcos Spector Azoubel; Acauã Galdino Vieira Silva; Amanda Nunes Rossini; Grazielle Willian Bonfim; Jessica Cristina Stadler; João Eduardo Cattani Vilares; Karina Carpi; Matheus Henrique De Souza Mello; Maynary Elizabethe Azevedo De Souza; Victor Macedo Alcantara Lima.....	7
Protocolo de avaliação e intervenção precoces de sinais de risco de autismo: comparando grupos de alto e baixo risco Paula S. Gioia, Ana C. Guerra, Daniel Vargas, Daniela de Carvalho, Fabiana Shimabukuro, Gabriel Spatafora, Lucas Fernandes, Leticia Barbieri, Monalisa Costa, Simonilda Cesco, Thays Dutra, Thiago Gusmão.....	11
PROGRAMAÇÃO XXIV LABEX	16
RESUMOS	18

Behaviors: Ciência Básica, Ciência Aplicada
ISSN 1980-704X

é uma publicação do
Laboratório de Psicologia Experimental da PUC-SP

Editores: Mônica H. T. A. Gianfaldoni, Thays C. R. Dutra, João M. Rodrigues Neto e Victor Macedo Alcantara Lima

Corpo Docente

Amilcar R. Fonseca Jr	pós-graduação
Denigés R. Neto	graduação
Denize R. Rubano	graduação
Daniel Caro	graduação
Emerson F. da Costa Leite	graduação
Fani Eta K. Malerbi	graduação e pós
Fátima Regina P. de Assis	graduação
Marcos Spector Azoubel	graduação e pós
Maria Amalia P. A. Andery	pós-graduação
Maria do Carmo Guedes	pós-graduação
Maria Eliza M. Pereira	graduação e pós
Maria Luisa Guedes	graduação
Mônica H. T. A. Gianfaldoni	graduação e pós
Nilza Micheletto	graduação e pós
Paola E. M. Almeida	graduação e pós
Paula S. Gioia	graduação e pós
Sérgio V. de Luna	pós-graduação
Thomas A. R. Woelz	graduação

A figura da capa mostra parte do trabalho – as dissertações e as teses defendidas/por defender – que acumulamos no Programa de Psicologia Experimental: Análise do Comportamento desde 2001.

EDITORIAL

Encerramos o ano de 2020 com o XXV LABEX e o XXIV Behaviors. O ano foi sendo desenhado aos sobressaltos desde seu início. A ciência e a atividade do cientista no Brasil, ameaçadas explicitamente desde o início de 2019, sofreram duros revezes pela implementação de políticas que implicaram, por exemplo, o corte de bolsas de pesquisa nos programas de Pós-Graduação já em janeiro/fevereiro. Em março, o campus da PUC-SP foi fechado, em consonância com as determinações de agentes de saúde, em razão da pandemia de Coronavírus. O planejamento do funcionamento das atividades letivas, do cotidiano do PEXP, como tudo, foi alterado em inúmeros aspectos. A experiência do necessário distanciamento social nos fez trabalhar com o Microsoft Teams, completo desconhecido para muitos de nós, e realizar nossos cursos, orientações, atendimentos, reuniões de forma remota. Não descuidamos da qualidade das aulas, da preocupação com a formação de graduandos, mestrandos e doutorandos. Cumprimos o semestre. Fizemos planos para voltar ao ensino presencial no meio do ano, mas a impossibilidade de isso acontecer nos fez transformar até mesmo a forma de seleção para o programa. O segundo semestre começou de forma completamente remota, com novos e instigantes participantes na nossa comunidade. A notícia de que o Regimento Geral da Universidade, publicado em 29 de setembro, decretava a substituição das atividades didáticas com o uso de animais vivos por outras metodologias, a ser implementada por ocasião da reforma curricular do curso de Psicologia, pegou-nos de surpresa e mobilizou estudantes e docentes, não apenas aqueles vinculados ao Laboratório de Psicologia Experimental. Desde o Encontro de Análise do Comportamento (EAC), promovido pelos alunos da PUC-SP em outubro, debates têm problematizado a questão, como aquele de que participou a professora Maria Helena Hunziker. O professor João Cláudio Todorov participou de conversa conosco sobre a importância do laboratório didático com animais, em que destacou sua relevância para o desenvolvimento da sensibilidade ao comportamento dos nossos sujeitos como parte da melhor qualidade de formação de psicólogas e psicólogos, em geral, e de analistas do comportamento, em particular. No LABEX, além da apresentação de pesquisas básicas com animais em níveis de Doutorado, de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e de Iniciação Científica, contamos com a presença da professora Deisy das Graças de Souza, que salientou o papel do trabalho com animais para o desenvolvimento da sensibilidade às sutilezas do comportamento que o laboratório didático propicia.

O LABEX de 2020 foi organizado pela professora Maria do Carmo Guedes e pelos professores Amílcar Fonseca Jr. e Émerson Costa, com a colaboração dos doutorandos João Manoel Rodrigues Neto e Thays Dutra e do mestrando Victor Macedo e buscou criar um espaço para o compartilhamento das experiências de trabalho em pesquisa envolvendo nosso laboratório, na Graduação e na Pós-Graduação. Neste Behaviors apresentamos, como temos feito todos os anos, o relato de pesquisas desenvolvidas nas disciplinas de Pesquisa Supervisionada, do Programa de Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. Essas pesquisas foram produzidas nas três linhas que caracterizam o PEXP: História e Fundamentos Epistemológicos, Metodológicos e Conceituais da Análise do Comportamento; Processos Básicos na Análise do Comportamento; e Desenvolvimento de Metodologias e Tecnologias de Intervenção. Encerramos o ano com o LABEX e o Behaviors, mantendo nossa tradição de realizar e de expor pesquisas de qualidade, tendo a nossa comunidade presente, e de mirar o futuro como novas oportunidades para o estudo coletivo, a ampliação e a aplicação de conhecimento em benefício da construção de um país em que, como diz Boaventura Souza Santos (2003), devemos ter “o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e... o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades” (p. 56).

Santos, B. S. (2003). (Org.) Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Um preâmbulo: A história da AC na PUC-SP¹

Vitor Duncan Marinho.

De onde falo?

Como comportamento do historiador, a historiografia deve partir de uma clara compreensão de onde se fala, isto é: em que contexto esse historiador está inserido ou, em outras palavras, quais são as variáveis ambientais que controlam seu comportamento.

Diferente de colegas inseridos nesta escrita, o relato ao qual fui conduzido não parte de minha história prévia ao mestrado: uma vivência e/ou convivência na graduação ou mesmo antes. O assunto por mim relatado provém de um interesse de pesquisa da dissertação. Na dissertação, busco relatar os antecedentes que levaram à criação e aplicação do Personalized System of Instruction (PSI) na UnB, enquanto aqui, relato alguns dos mesmos antecedentes para criação da graduação em Psicologia na PUC-SP.

Como dito, esse relato não parte de alguém que viveu e/ou conviveu com os acontecimentos relatados, mas de alguém que vive e convive com os

resultados dessa história. De fato, não tive a oportunidade de conhecer (estabelecer contato, ser próximo a) os autores aqui relatados, mas conheci suas palavras através de seus escritos e conheci seus feitos através dos frutos de seus trabalhos: são esses documentos textuais e não textuais que servem de base para o presente relato.

Com isso, por mais que não tenha vivido a história que aqui relato, podemos dizer que, assim como os demais, sou um autor que relata sua própria história: por estar inserido nesse grupo e, com isso, ser protagonista nessa história. Portanto, apesar de ser uma análise baseada em documentos e fatos concretos, que muitas vezes podem soar imparciais a um leitor desavisado, temos aqui o relato de um autor isento de isenções em seu fazer historiográfico.

Antecedentes históricos para a graduação em Psicologia na PUC-SP

Sabe-se que o Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia

¹ Este trabalho foi produzido em 2019.1 como atividade da disciplina Pesquisa Supervisionada (História e Fundamentos Epistemológicos, Metodológicos e Conceituais da Análise do Comportamento) no Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento da PUC-SP, ministrada pela Prof^a. Dra. Maria do Carmo Guedes.

Experimental (PExp) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) foi criado como desdobramento da graduação. Hoje, em 2019, é relativamente fácil verificarmos a força que a Análise do Comportamento tem na graduação de Psicologia da PUC-SP, no entanto, uma pergunta deve ser feita: “o que tornou a Análise do Comportamento uma temática forte o suficiente na graduação a fim de que esse desdobramento ocorresse?”.

Com matérias de Psicologia Comportamental que vão de I a IV na grade obrigatória, além de diversas outras disciplinas que dão base a pesquisa experimental, não é difícil imaginarmos que grande parte dos alunos passem a se interessar pela temática. Porém, se quisermos compreender como tudo isso começou, precisaremos examinar um pouco além no tempo, precisamos pensar no momento de surgimento da graduação nesta universidade, em 1963. Um outro ano de grande importância para nós é 1966, pela inserção da Análise do Comportamento por Carolina Bori – que viria se tornar uma das principais expoentes da Análise do Comportamento no Brasil –, já de volta a São Paulo desde 1965, depois da “interrupção” de Brasília

(parafrazeando o título dado por Saumeron a seu livro “A Universidade Interrompida”).

Em 1961, conforme relatado por Keller (1983), após convite intermediado por uma de suas ex-alunas, Myrthes Rodrigues do Prado, este havia vindo ao Brasil para lecionar na Universidade de São Paulo (USP), trazendo consigo a “teoria do reforço”, tendo sido recepcionado por Carolina Bori. Vale ressaltar que, como descrito por Todorov (2006, p. 30), “Antes de 1961 Carolina Martuscelli Bori era uma psicóloga social com mestrado pela New School for Social Research of New York, trabalhando na tradição de Kurt Lewin, estudando o efeito Zeigarnik.” (tradução nossa).

Assim como Keller introduziu a “teoria do reforço” no Brasil, foi Enzo Azzi (primeiro coordenador do curso de graduação de Psicologia da PUC-SP) o principal responsável por trazer a Psicologia Experimental à PUC-SP. Conforme relembra Guedes (2010), Azzi teria vindo ao Brasil ainda em 1949 convidado a instalar um laboratório de Psicologia Experimental na PUC-SP. Nessa época, não ainda sendo regulada enquanto profissão, a Psicologia era ensinada enquanto disciplina especialmente em cursos de Pedagogia e Filosofia. Assim que

aprovada a lei que regulamenta a profissão de Psicólogo no Brasil, Azzi teria proposto a criação do curso de formação em Psicologia na PUC-SP, que acabou por se concretizar no ano seguinte, em 1963, com isso, já em sua primeira grade de disciplinas, pela formação médica de Azzi e experiência com a Psicologia Experimental, o curso de Psicologia da PUC-SP teria nascido voltado à pesquisa científica, com disciplinas como Psicologia Experimental I e II, Psicologia Animal Comparada e Questões de Psicologia Experimental (Guedes, 2010, p. 121).

No ano seguinte a criação do curso de Psicologia na PUC-SP, em 1964, relembra Keller (1987), contextualmente a instabilidades políticas, foi criado o Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB) e, nele, foi aplicado o método pedagógico desenvolvido por Keller, Bori, Azzi (Rodolfo) e Sherman especialmente para esse fim: o Sistema Personalizado de Ensino (PSI).

Como explicitado por Keller (1999), o PSI aplicado na UnB era baseado em cinco princípios: 1) ritmo individualizado, no qual cada aprendiz poderia aprender em seu próprio ritmo; 2) unidades progressivas e interdependentes, no qual para passar para o próxima unidade era necessário

demonstrar completo domínio na anterior; 3) ênfase na palavra escrita, para que o aprendiz pudesse consultar o material instrucional quantas vezes fosse necessário; 4) uso de palestras e demonstrações como veículo de motivação, não sendo obrigatórios ao aprendiz; e 5) uso de monitores para garantir o processo de aprendizagem em ritmo individualizado.

Apesar de suas características inovadoras para a educação, a primeira experiência de PSI na UnB teve uma curta vida inicial, sendo cancelada logo no ano seguinte de sua implementação, por razões políticas. Tal cancelamento fez com que Bori, a fim de dar continuidade ao PSI, o trouxesse para ser aplicado na PUC-SP. De acordo com Bori (1974), esse novo contexto do PSI trouxe algumas dificuldades de aplicação: enquanto a UnB oferecia grande disponibilidade de recursos, estes eram um pouco mais restritos na PUC-SP, o que fez necessárias algumas adaptações e o tornaram menos práticos que outrora.

Como visto, o contexto de criação da graduação em Psicologia na PUC-SP foi essencial para a força que a Análise do Comportamento ganhou nele, contextos como: o interesse experimental de seu primeiro coordenador, ter surgido em um

momento e lugar em que a Análise do Comportamento estava se consolidando, ou ter recebido grandes personalidades como Carolina Bori.

REFERÊNCIAS:

- Bori, C. M. (1974). *Developments in Brazil*. Keller, F. S. & Sherman, J. G. *The Keller Plan Handbook* (pp. 65-72). Menlo Park: W. A. Benjamin.
- Guedes, M. D. C. (2010). Enzo Azzi (1921-1985), um médico italiano na psicologia brasileira. In: Yamamoto, H. Y & Costa, A. L. F. (Orgs). *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil*. Natal-RN: EDUFRN, 121-141.
- Keller, F. S. (1983). *Aprendendo a Ensinar: Memórias de um professor universitário*. (R. Azzi e M. T. A. Silva, Trans.). São Paulo: EDICON.
- Keller, F. S. (1987). O nascer de um departamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 3(3), 198-205.
- Keller, F. S. (1999). Adeus Mestre!. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. 1(1), 9-21. (Original work published 1968).
- Todorov, J. C. (2006). *Behavior Analysis in Brazil*. *Avances em Psicologia Latinoamericana*, 24, 29-36.

Efeitos do Acesso a Expressões de Indivíduos sobre Explicações de seus Comportamentos

Marcos Spector Azoubel; Acauã Galdino Vieira Silva; Amanda Nunes Rossini; Grazielle Willian Bonfim; Jessica Cristina Stadler; João Eduardo Cattani Vilares; Karina Carpi; Matheus Henrique De Souza Mello; Maynary Elizabethe Azevedo De Souza; Victor Macedo Alcantara Lima.

Fazer ciência envolve identificar e descrever relações entre eventos do mundo (Skinner, 1953/2005, 1974). A descrição adequada de relações entre fenômenos do mundo pode permitir atuação eficaz, entendida como a capacidade de prever, controlar e interpretar, sobre os fenômenos descritos. Algumas descrições de relações causais entre eventos são comumente chamadas de explicações.

Existem algumas formas de explicação que, por divergirem do seu modelo de causalidade, são rejeitadas por analistas do comportamento. Entre essas formas de explicação estão aquelas chamadas de mentalistas, atribuição de causalidade a eventos internos hipotetizados, e de teleológicas, atribuição de causalidade de um fenômeno no presente a eventos que, supostamente, ocorrerão no futuro.

Dada a importância do comportamento de explicar, estudos têm sido realizados para avaliar fatores que influenciam nas explicações sobre

eventos do mundo. Leigland (1989) identificou, entre seus resultados, que participantes que observaram comportamentos de pombos sob controle discriminativo preciso emitiram explicações mentalistas em menor frequência e explicações descritivas em maior frequência do que participantes que observaram e explicaram comportamentos do pombo em que tal controle discriminativo estava ausente. O possível papel evocativo de explicações mentalistas de situações em que não há uma discriminação precisa estabelecida, continuou a ser investigado por Golfeto e Andery (2008).

Golfeto e Andery (2008) realizaram um estudo com seis participantes para investigar situações antecedentes que evocam relatos internalistas e externalistas. Para isso, os participantes foram expostos a dois vídeos em que eram apresentados personagens respondendo a um programa de computador que apresentava consequências em diferentes

esquemas (VR 4 e DRL 10s) para respostas de clicar num quadrado. Em um dos vídeos a mudança de esquema era sinalizada com uma mudança de cor e no segundo vídeo a mudança não era sinalizada. A tarefa envolvia observar e explicar o comportamento de clicar com o mouse observado.

Como resultado, Golfeto e Andery (2008) identificaram que o vídeo que apresentava mudanças não sinalizadas no esquema de reforçamento não pareceu evocar mais respostas internalistas do que o vídeo em que tal mudança era sinalizada e que houve grande variabilidade de aspectos que controlaram o explicar dos participantes. Uma hipótese apresentada por Golfeto e Andery (2008) para explicar a divergência entre esses resultados e aqueles de Leigland (1989) é que as expressões faciais e corporais podem ter sido estímulos mais salientes do que a tela que apresentava o comportamento de clicar em diferentes esquemas. Assim, alguns aspectos que controlaram o comportamento das pesquisadoras (e.g., as contingências dispostas pelo programa de computador utilizado) podem não ter controlado o comportamento dos participantes dessa pesquisa.

O objetivo do presente estudo foi avaliar o efeito do acesso às expressões

de indivíduos, que tiveram seus comportamentos de clicar submetidos a esquemas de reforçamento múltiplo e misto, sobre as características de explicações para o comportamento de clicar observado. Adicionalmente, pretendeu-se verificar os efeitos da observação desses esquemas sobre as características das explicações de observadores.

Para isso, foram elaborados quatro vídeos, chamados de Misto sem expressão, Misto com expressão, Múltiplo sem expressão e Múltiplo com expressão. Nos vídeos Múltiplo era possível visualizar a tela de um programa de computador em que respostas de clicar de um Personagem estavam sob controle dos esquemas VR 4, que produziu altas taxas de resposta, e DRL 10s, que produziu baixas taxas de resposta. Nele, a mudança de esquema era sinalizada com uma mudança de cor numa barra onde era possível clicar e produzir reforçamento (pontos expostos num contador). Nos vídeos Misto uma tela semelhante era mostrada, mas as mudanças no esquema em vigor para o clicar de um segundo Personagem não eram sinalizadas (a cor da barra permanecia sempre a mesma). Os vídeos Múltiplo e Misto sem expressão apenas a tela de computador. Já os vídeos Misto e Múltiplo com expressão mostravam

essas telas e as expressões dos personagens.

Todos os participantes foram expostos a um vídeo com o esquema múltiplo e a um vídeo com esquema misto, em ordens diferentes. 10 participantes foram expostos aos vídeos com expressões dos personagens e 10 aos vídeos sem expressões dos personagens.

Os participantes receberam uma instrução indicando que eles deveriam observar dois vídeos e, ao final de cada um deles, explicar, por escrito, o comportamento de clicar com o mouse. Dessa maneira, foram produzidas 40 explicações (uma para cada vídeo observado) que foram classificadas conforme três categorias: referência a eventos públicos observáveis no vídeo, referência a eventos públicos hipotetizados e referência a eventos privados.

Cada explicação foi classificada por dois observadores independentes e, a partir dessas classificações, foi calculado o índice de concordância. Chegou-se, dessa forma, ao índice de 86,7% de concordância.

Os participantes que tiveram acesso às expressões dos personagens emitiram 15 explicações que faziam referência a eventos públicos, 11 que faziam referência a eventos públicos

hipotetizados e 16 que faziam referência a eventos privados. Por sua vez, aqueles que não tiveram acesso às expressões dos personagens emitiram 15 explicações que faziam referência a eventos públicos, 14 que faziam referência a eventos públicos hipotetizados e 9 que faziam referência a eventos privados. De maneira geral, pode-se destacar que o acesso às expressões pareceu evocar explicações mentalistas, como sugerido por Golfeto e Andery (2008).

Quando expostos ao esquema múltiplo (sinalizado), participantes emitiram 15 explicações que faziam referência a eventos públicos, 12 que faziam referência a eventos públicos hipotetizados e 11 que faziam referência a eventos privados. Já quando expostos ao esquema misto (não-sinalizado), emitiram 15 explicações que faziam referência a eventos públicos, 13 que faziam referência a eventos públicos hipotetizados e 14 que faziam referência a eventos privados. Houve maior frequência de explicações mentalistas para o vídeo misto, indicando que, como encontrado por Leigland (1989), observar condições claramente discriminativas pode favorecer explicações não mentalistas.

Analisando-se apenas as explicações dos participantes que não tiveram acesso às expressões dos

personagens em relação às suas explicações para os vídeos misto e múltiplo, foi possível identificar que, novamente, a classificação em que houve maior diferença foi a de referência a eventos privados. Nessa condição, foram identificadas três explicações desse tipo para o esquema múltiplo e seis para o esquema misto. Já quando analisadas as explicações do grupo que teve acesso às expressões faciais, verificou-se que, quando observados os esquemas misto e múltiplo, houve oito relatos com referência a eventos privados.

Dessa maneira, quando não houve acesso às expressões, encontrou-se resultados convergentes àqueles de Leigland (1989), em que foram observados comportamentos de pombos, e quando houve acesso às expressões, os dados se assemelharam àqueles de Golfeto & Andery (2008), em que foram observados comportamentos de humanos (com suas expressões faciais).

As diferenças nas frequências das outras categorias nunca foram maiores do que dois em qualquer das condições comparadas. Dessa forma, as diferentes condições não pareceram ser variáveis críticas para a emissão de explicações com referência a eventos públicos observáveis no vídeo e com referência a eventos públicos hipotetizados.

As análises baseadas em comparações nas explicações de cada sujeito em cada situação permitiram identificar outras questões. Será destacada aqui a identificação de que todos os participantes que foram expostos primeiro ao vídeo em que era apresentado o esquema múltiplo emitiram explicações com referência a eventos públicos observáveis e mantiveram explicações com essa característica quando apresentado o vídeo com esquema misto. Por outro lado, apenas três dos participantes expostos primeiro ao vídeo com esquema misto emitiram explicações com referência a eventos públicos observáveis e o fizeram novamente quando apresentado o vídeo múltiplo. Isso pode indicar que começar uma sequência de observações com uma situação em que o controle discriminativo é mais evidente pode favorecer explicações com referência a aspectos observáveis, mesmo se o próximo vídeo mostrar um comportamento com controle discriminativo menos evidente.

O conjunto de dados apresentados parece convergir com a defesa da proposta de ensinar análise do comportamento com apoio de exercícios simples de laboratório com sujeitos não-humanos, em vez de partir fazê-lo com

apoio de exercícios com humanos. Afinal, é possível que a primeira situação seja evocativa de explicações com referência a eventos observáveis, especialmente quando é a condição inicial, e que a segunda situação seja evocativa de explicações mentalistas.

Referências

- Golfeto, R. M., & Andery, M. A. P. A. (2008). Um Procedimento para investigar o que controla respostas verbais diante de um comportamento observado. *Acta Comportamentalia*, 16(1), 89-116.
- Leigland, S. (1989). A functional analysis of mentalistic terms in human observers. *The Analysis of Verbal Behavior*, 7(1), 5-18.
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (2005). *Science and human behavior*. Cambridge, MA: B. F. Skinner Foundation. (Original publicado em 1953).
-

Protocolo de avaliação e intervenção precoces de sinais de risco de autismo:

comparando grupos de alto e baixo risco

Paula S. Gioia, Ana C. Guerra, Daniel Vargas, Daniela de Carvalho, Fabiana Shimabukuro, Gabriel Spatafora, Lucas Fernandes, Leticia Barbieri, Monalisa Costa, Simonilda Cesco, Thays Dutra, Thiago Gusmão.

Os objetivos do presente trabalho foram: a) avaliar se as tarefas do protocolo de Gioia e Guilhardi (2018), aplicadas no período de 2013 a 2019 em crianças de 13 a 22 meses, produziam resultados diferenciadores entre o grupo de alto e baixo risco autístico (grupo controle); e (b) subsidiar alterações no instrumento, caso necessárias. Para atingir esses objetivos foram analisados os dados sistematizados, oriundos de aplicações anteriores em oito crianças de alto risco e em oito crianças de baixo risco.

Pode-se dizer que seis das 13 tarefas foram capazes de discriminar entre os grupos de alto e baixo risco na maior parte das faixas etárias (de 13 a 19 meses) examinadas. São elas: Jogo Social, Interesse de sons (frente), Interesse de sons (atrás), Atendimento ao nome (à frente), Atendimento ao nome (atrás) e Seguir do apontar). Identificar que as tarefas não evocavam comportamentos-alvo em crianças de alto-risco, mas o fizeram em crianças de baixo risco, pode sugerir que essas tarefas estão apropriadas para a identificação de risco de autismo e a

ausência desses comportamentos pode estar vinculada a repertório caracterizado como dentro do fenótipo ampliado do autismo (FAA), descrito por Endres, Lampert, Schuch, Roman & Bosa (2015).

Por outro lado, as tarefas de Imitação (dar tchau, e mandar beijo), Antecipação da ação, O apontar iniciado pela criança, Seguimento de instrução (dar tchau e mandar beijo) e faz de conta não permitiram a discriminação entre os grupos em nenhuma das faixas etárias analisadas. Destaca-se que a tarefa 10 (seguimento de instrução: dar tchau) foi inefetiva provavelmente devido à ausência dos estímulos contextuais (estimulação discriminativa condicional), presentes em situações do cotidiano e não na situação de avaliação (uma pessoa saindo pela porta, por exemplo). Dessa forma, essas tarefas merecem uma reformulação (Meletti et al. 2019; Sarilho, 2020). Além disso, Meletti et al. (2019) não conseguiram distinguir se, na aplicação da tarefa 8 (antecipação da ação), a criança ficou sob controle da instrução ou do movimento dos braços do aplicador (de

pegar no colo), dado que ambos os antecedentes estavam presentes nas aplicações anteriores a 2019. Nas aplicações de 2019, o aplicador apenas estendeu os braços, sem apresentar instrução e, também não evocou o comportamento-alvo em ambos grupos de idades abaixo de 20 meses de idade, dessa forma essa tarefa necessita de alterações.

A análise da porcentagem média de ocorrência de comportamentos acompanhantes em grupos de alto e baixo risco possibilitou identificar um possível comportamento cuja análise pode facilitar a discriminação entre esses grupos. O comportamento acompanhante de Contato Visual foi, em média, emitido em porcentagens menores no grupo de alto risco, em relação ao grupo de baixo risco em todas as faixas etárias analisadas (15 a 21 meses de idade). No entanto, o mesmo não ocorreu com os comportamentos acompanhantes de Sorrir e Balbuciar - em ambos se obteve uma porcentagem média de emissão semelhante nos dois grupos, indicando que não são diferenciadores entre os dois grupos, nessa faixa de idade.

A avaliação de crianças em idades muito tenras pode tornar pouco claras as evidências disponíveis no comportamento para realizar previsões e

diagnósticos, sendo que algumas habilidades se desenvolvem somente mais tardiamente, como é o caso da fala que, como sugere Caro (2019), necessita do alcance de certos marcos de desenvolvimento, como os comportamentos de pré-ouvinte e de ouvinte, que preparam o indivíduo para futuras aprendizagens verbais.

É importante destacar também que a existência de atrasos comportamentais ou comportamentos característicos do Fenótipo Ampliado do Autismo (FAA) não significam que tais deficiências permanecerão no futuro, já que, como coloca Gehm (2012), o desenvolvimento infantil pode ser entendido como a mudança progressiva proveniente da interação contínua do organismo com o ambiente, é um processo em constante transformação, e, nesse sentido, os encaminhamentos efetuados após a aplicação do protocolo parecem terem oferecido um prognóstico efetivo na maior parte das vezes.

Também uma avaliação qualitativa foi conduzida objetivando verificar a correspondência entre os déficits observados após a aplicação do protocolo e os resultados da aplicação da Escala CARS, ocorrida recentemente, quando os participantes de alto risco tinham idade entre 31 e 96 meses. Esse tipo de avaliação daria suporte adicional

aos resultados obtidos na aplicação do protocolo.

A Escala CARS é considerada umas das mais importantes escalas para comportamentos associados com o autismo, sendo criada como instrumentos de triagem mais eficiente na clínica e na identificação de possíveis participantes de pesquisas, exigindo sempre confirmação do TEA em consulta clínica. Pereira et al (2008), apresentam uma tradução e padronização exemplar da CARS para o Brasil, de fácil aplicação, medindo a intensidade dos comportamentos característicos de TEA. A CARS usa uma escala de gravidade em quatro pontos (déficit ausente, leve, moderado ou grave) com resultados finais que descrevem a possibilidade de estar fora do risco autístico (menor que 30 pontos) e níveis do Transtorno do Espectro Autista dentro da classificação leve/ moderado (de 31-36 pontos) e forma grave (acima de 36 pontos).

Nos resultados obtidos na aplicação da CARS apresentada na presente pesquisa em oito crianças de alto risco, houve correspondência entre os déficits do encaminhamento feitos logo após aplicação do Protocolo Gioia e Guilhardi (2018), para seis das oito crianças. O atraso da fala foi o mais sensível déficit identificado no protocolo proposto.

Uma das limitações desse estudo é o baixo número de participantes cujos resultados podem não ser representativos de outras crianças pertinentes a grupos semelhantes.

Houve também entrevista com pais, simultaneamente à aplicação da CARS, sobre desenvolvimento da linguagem, motricidade, desempenho acadêmico e social e terapias conduzidas para a criança. Essas informações subsidiaram a correspondência obtida entre os resultados CARS e os déficits identificados no protocolo para seis das oito crianças de alto risco participantes.

Outros pontos de interesses a serem descritos são as pontuações obtidas por três participantes, ainda que dentro do espectro autista, porém baixas, podendo refletir uma visão clínica mais apurada dos pais, por reconhecerem sinais e sintomas precoces do TEA em seus outros filhos, e, por esse motivo, já criam alertas mais precoces com maior zelo em estimulação também precoce das crianças de risco.

Segundo Pereira e colaboradores (2018), a CARS não atenderá todas as necessidades dessas crianças, mas é claramente um primeiro passo realista e importante como parte do processo diagnóstico do autismo, como realizado no presente estudo.

Em síntese, uma das grandes vantagens do protocolo Gioia e Guilhardi (2018) é a possibilidade de observar a criança se comportar em ambientes naturais, em vez de ambientes clínicos ou laboratoriais, permitindo a ela estar fora de ambientes novos e restritivos. Além disso, a aplicação em ambientes naturais da criança pode facilitar a intervenção de cuidadores, fora do ambiente de avaliação, já que são ensinados ou estes podem observar a aplicação e o tipo de demanda direcionada a suas crianças relativa comportamentos de interação social importantes. No entanto, deve-se salientar que o treinamento de cuidadores, se houver, deve ser feito de forma a garantir que erros de aplicação não ocorram, prejudicando a integridade dos dados.

Uma outra contribuição trazida por este protocolo, é em relação à possibilidade de guia curricular já que os comportamentos-alvo e acompanhantes testados podem ser ensinados. Além disso, é possível que com as repetidas situações de avaliação, ocorra aprendizado por parte das crianças, garantindo que um treinamento realizado pelos pais e cuidadores responsáveis, tragam vantagens advindas das pesquisas longitudinais prospectivas de crianças de risco (Micheletti, 2020).

A avaliação de comportamentos-alvo parece propícia para a identificação de sinais precoces do autismo, facilitando uma intervenção mais rápida e eficaz, especialmente ao ser aplicada a um público que parece necessitar de atenção profissional nas etapas iniciais de seu desenvolvimento, por conta da possível expressão fenotípica da genética do autismo.

Referências

- Caro, D. M. (2019). Impactos do comportamento verbal sobre as interações entre o indivíduo e ambiente: um estudo com base na ontogênese de repertórios verbais (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil). Recuperado de: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22362>
- Cruz, L. P., Camargos-Júnior, W., & Rocha, F. L. (2013). The broad autism phenotype in parents of individuals with autism: a systematic review of the literature. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 35(4), 252-263.
- Endres, R. G., Lampert, S. S., Schuch, J. B., Roman, T., & Bosa, C. A.

- (2015). O Fenótipo Ampliado do Autismo em genitores de crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(3), 285 - 292.
- Gehm, P. M. (2013). Reflexões sobre o estudo do desenvolvimento na perspectiva da Análise do Comportamento (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil). Recuperado de: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-28062013-161959/pt-br.php>
- Gioia, P., & Guilhardi, C. (2018). Protocolo comportamental de avaliação e intervenção precoces para bebês de risco autístico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 20(3), 118-135. doi: 10.31505/rbtcc.v20i3.1221
- Meletti, H. D., Gioia, P. S., Keiner, S., Lima, A. C. S. A., Carvalho, F. G., Morais, F. M. M. V., & Monori, G. L. (2019). Protocolo Comportamental de Avaliação e Intervenção Precoces para Bebês de Risco Autístico: Revisando os antecedentes evocativos dos comportamentos-alvo. *Behaviors*, 23, 8-12. Recuperado de: <https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/posgraduacao/programas/psicologia-experimental/BONECO-2019.pdf>
- Micheletti, M., McCracken, C., Constantino, J. N., Mandell, D., Jones, W., Klin, A. (2020). Research Review: Outcomes of 24- to 36-month-old children with autism spectrum disorder vary by ascertainment strategy: a systematic review and meta-analysis. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 61(1), pp 4-17.
- Pereira, A. M. (2007). Autismo Infantil: Tradução e validação da CARS (Childhood Autismo Rating Scale) para uso no Brasil (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre).
- Rosales-Ruiz, J., & Baer, D. M. (1997). Behavioral cusps: a developmental and pragmatic concept for behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 30(3), 533-544. doi: 10.1901/jaba.1997.30-533

Programação XXIV LABEX – 07 e 08 de dezembro de 2020

<p align="center">Segunda-feira (07/12/2020) 09h30 – 10h30</p>	<p align="center">Terça-feira (08/12/2020)</p>
<p align="center">Apresentações de pesquisas realizadas na disciplina de Atividade de Pesquisa Supervisionada</p> <p>Efeitos do Acesso a Expressões de Indivíduos sobre Explicações de seus Comportamentos Marcos S. Azoubel; Acauã G. V. Silva; Amanda N. Rossini; Grazielle W. Bonfim; Jessica C. Stadler; João Eduardo C. Vilares; Karina Carpi; Matheus H. de S. Mello; Maynary E. A. de Souza; Victor M. A. Lima.</p> <p>Protocolo de avaliação e intervenção precoces de sinais de risco de autismo: comparando grupos de alto e baixo risco Paula S. Gioia, Ana C. Guerra, Daniel Vargas, Daniela de Carvalho, Fabiana Shimabukuro, Gabriel Spatafora, Lucas Fernandes, Leticia Barbieri, Monalisa Costa, Simonilda Cesco, Thays Dutra, Thiago Gusmão</p>	<p align="center">10h às 11h A importância da Pesquisa Básica em Análise do Comportamento Convidada: Profa. Dra. Deisy das Graças de Souza</p> <p align="center">11h às 12h Desenvolvimento de métodos e técnicas em Análise do Comportamento: uma análise crítica Convidado: Prof. Me. Hélio José Guilhardi</p>
<p align="center">10h30 – 11h30</p> <p align="center">Contribuições da pesquisa básica para a compreensão de fenômenos comportamentais humano</p> <p>Debatedora: Profa. Dra. Nilza Micheletto Pesquisadores: Paulo Eduardo da Silva (DO) Raniel Barbosa de Almeida Silva (ME) Arthur Vaciloto Lima (IC)</p>	
<p align="center"><i>Almoço (11h30 – 13h30)</i></p>	<p align="center"><i>Almoço (12h00 – 13h30)</i></p>
<p align="center">13h30 – 14h30</p> <p align="center">Análise comportamental do preconceito Debatedora: Profa. Dra. Paola. E. de M. Almeida Pesquisadores: Flávio Faccini Martins (ME) Giulia Cândido Bruno (TCC) Lucas Akira Nakahara Guimarães (TCC) Washington Santos de Souza (ME)</p>	<p align="center">13h30 – 14h30</p> <p align="center">Comportamento verbal e autismo Debatedora: Profa. Dra. Fani Eta Korn Malerbi Pesquisadores: Cláudio Almeida Sarilho (ME) Natalia Mucheroni (ME) Monique Luzia de Souza (ME)</p>
<p align="center">14h30 – 15h30</p> <p align="center">Fundamentos epistemológicos da Análise do Comportamento e possibilidades de intersecção com outras filosofias Debatedor: Prof. Dr. Marcos S. Azoubel Pesquisadores: José Rodolpho Schultz Diniz (ME) Luiz Felipe Monteiro da Cruz (DO) Radharani Rodrigues Soares (TCC) Vanessa Martins da Silva (TCC)</p>	<p align="center">14h30 – 15h30</p> <p align="center">Análise comportamental da educação: das críticas à educação tradicional para a construção de uma educação alternativa Debatedora: Profa. Dra. Maria Eliza M. Pereira Pesquisadores: Tarsila Ocanha Patrício de Faria (ME) Rachel Candido Cespedes da Costa (ME) Vitor Duncan Marinho (ME)</p>

<i>(Intervalo de 01h30)</i>	<i>(Intervalo de 00h30)</i>
	<p>16h00 – 17h00</p> <p>Análise comportamental da dependência Debatedor: Prof. Dr. Daniel de M. Caro Pesquisadores: Gabriela da Silva Costa (TCC) Bruno Vieira de Macêdo Cortes (ME) Gabriel Almeida Couri (TCC)</p>
	<p>17h00 – 18h00</p> <p>Análise do Comportamento Aplicada a contextos de atuação diversos Debatedora: Profa. Dra. Mônica H. T. A. Gianfaldoni Pesquisadores: Letícia Guilhem Isnoldo (TCC) Apresentação de trabalho de estágio realizado por estudantes da graduação no Núcleo 2.8 - Estudo de Caso: Seletividade Alimentar do Cliente S. <i>Caroline Coelho, Deyvison Silva, Letícia Romano, Livia Oliveira e Marina Kairalla</i></p>

Comissão organizadora: Maria do Carmo Guedes, Amilcar Fonseca Junior e Emerson Ferreira da Costa Leite

LOCAL: Reuniões realizadas on-line via Microsoft Teams

RESUMOS

Contribuições da pesquisa básica para a compreensão de fenômenos comportamentais humanos |
Debatedora: NILZA MICHELETTO

ARTHUR VACIOTO LIMA / NILZA MICHELETTO / AMILCAR RODRIGUES FONSECA JÚNIOR	EFEITOS DA EXPOSIÇÃO CRÔNICA A ESTRESSORES MODERADOS SOBRE A MANUTENÇÃO DE UMA DISCRIMINAÇÃO OPERANTE
<p>Resumo: O Estresse Crônico Moderado (CMS) é um modelo experimental de depressão proposto na década de 1980 que consiste na exposição crônica a um protocolo de estressores relativamente brandos. Como principal efeito, produz anedonia, aqui compreendida como uma redução na sensibilidade a estímulos reforçadores. Recentemente, têm-se investigado os efeitos do protocolo de estressores sobre a discriminação operante. Todos os estudos que se propuseram a isso investigaram dos efeitos do CMS sobre a aquisição de uma discriminação visual. Não é sabido, até o momento, quais são os efeitos desse procedimento sobre a manutenção de comportamentos discriminativos previamente aprendidos. Sendo assim, este trabalho teve como objetivo investigar os efeitos da exposição ao estresse crônico moderado sobre o curso de desenvolvimento de uma discriminação operante. Para tanto, quatro sujeitos experimentais foram expostos à modelagem e fortalecimento da resposta de pressão à barra. Posteriormente, foram expostos a 10 sessões de treino discriminativo sob um esquema múltiplo VI 15 s / Extinção e, em seguida, a um protocolo de estressores com duração de quatro semanas. Concomitantemente ao protocolo, foram realizadas 28 sessões de treino discriminativo, com as mesmas características da fase anterior. Finalmente, após o término da exposição ao protocolo de estressores, cinco sessões adicionais de treino discriminativo foram realizadas. A exposição ao estresse gerou variação no índice discriminativo, que apresentou tendência decrescente nas primeiras semanas de exposição ao estresse e retomada de níveis similares ou superiores aos obtidos na linha de base nas últimas semanas. Efeito inverso foi observado na frequência de respostas, que teve um aumento inicial seguido de um decréscimo. A frequência de reforços se manteve relativamente estável ao longo do estudo. Esses resultados sugerem que o CMS pode gerar disrupção na aprendizagem discriminativa e induzir maior frequência de respostas nos animais, embora esses efeitos não se mantenham em longo prazo.</p>	
RANIEL BARBOSA DE ALMEIDA SILVA / NILZA MICHELETTO	VARIABILIDADE COMPORTAMENTAL REFORÇADA NEGATIVAMENTE EM CONTINGÊNCIAS DE FUGA COM HUMANOS
<p>Resumo: Procedimentos em que a emissão de unidades variadas é exigida para reforçamento (e.g., Lag n) e em que apenas unidades o são, mas não a variação (Yoked), em que o reforço é liberado acoplado ao primeiro procedimento, apontam para o controle operante do variar. Adicionalmente, tem-se demonstrado que os níveis de variabilidade podem ser função dos níveis da exigência de variação (e.g., manipulação do parâmetro n em Lag n). A maioria dessas demonstrações ocorreram em procedimentos com reforçamento positivo. É escassa, contudo, a literatura em que esses procedimentos ocorreram com reforçamento negativo. Fato acentuado no estudo com humanos. O presente estudo visou responder: a) se a variabilidade comportamental pode ser controlada por reforçamento negativo em contingências de fuga com humanos; e b) se os níveis de variação observados podem ser função dos níveis de exigência de variar, e se são afetados pela ordem de exposição (i.e., crescente e decrescente). Para tanto, 26 participantes, foram divididos em dois experimentos. A emissão de unidades de quatro respostas de clicar com mouse em dois quadrados em uma tela de computador poderiam encerrar estímulos sonoros de 3.000Hz e 90dB (fuga). No Experimento I, oito participantes responderam sob as seguintes condições: Lag 0 (CRF), Lag 5, e Acoplado (Yoked). No Experimento II, 18 participantes foram distribuídos em três condições: Crescente (CC): Lag 0, Lag 2, Lag 5 e Lag 8; Decrescente (CD): Lag 8, Lag 5, Lag 2 e Lag 0; e CD com Linha de Base em Lag 0 (CD0). Os dados do Experimento I indicam que o procedimento adotado produziu e controlou variabilidade comportamental. Os participantes, em sua maioria, variaram mais em Lag 5, quando comparados a Lag 0 (CRF) e Acoplado (Yoked). No Experimento II, os dados foram mais diversos, houve resultados semelhantes a literatura (maior variação sob maiores exigências) e inversos (menor variação sob maiores exigências), assim, são necessários mais estudos para afirmações conclusivas.</p>	
PAULO EDUARDO DA SILVA / FANI ETA KORN MALERBI	EFEITOS DO PROTOCOLO DE ESTRESSORES SOBRE A PREFERÊNCIA DE ÁGUA ADOÇADA E SOBRE O CONSUMO DE RAÇÃO EM RATOS SUBMETIDOS A DIFERENTES REGIMES DE PRIVAÇÃO E SOBRE A AQUISIÇÃO DE UMA DISCRIMINAÇÃO SIMPLES
<p>Resumo: Anedonia é um sintoma central para o diagnóstico de depressão em humanos, descrita no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) como um déficit na capacidade de sentir prazer e interesse pelas coisas. O Chronic Mild Stress (CMS) foi proposto como um modelo animal de anedonia por Willner, Towell, Sampson, Sophokleous e Muscat (1987) ao verificarem que, após serem expostos a um conjunto de estímulos estressores moderados e incontroláveis, os indivíduos apresentavam um decréscimo no consumo de água adoçada. Entretanto, alguns estudos têm encontrado dificuldade em replicar os resultados relatados por Willner et al. (1987). Diferenças metodológicas referentes à privação, à linha de base e à sensibilidade de cada organismo a água com sacarose podem ser algumas das variáveis responsáveis pela discrepância nos resultados encontrados. O presente trabalho teve como objetivos: (1) avaliar os efeitos da submissão ao Protocolo de Estressores (PE) sobre o consumo de água e de água com sacarose sob diferentes regimes de privação e (2) avaliar os efeitos do PE sobre o consumo semanal de ração na gaiola-viveiro. Foram utilizados 16 ratos machos da raça Wistar, experimentalmente ingênuos. Quando os sujeitos completarem 90 dias de vida, foi realizado o primeiro teste de consumo de água com sacarose colocando-se na gaiola viveiro uma garrafa contendo duas gramas de sacarose diluída em 98 ml de água (100 ml de solução água-sacarose) durante uma hora. Sete dias após o primeiro teste, um segundo teste foi realizado seguindo a mesma rotina. Todos os testes foram realizados no mesmo horário e dia da semana. Sete dias após o segundo teste com uma garrafa, foi realizado o primeiro teste com duas garrafas, uma contendo 100 ml de água e a outra 100 ml de solução água-sacarose com o objetivo de avaliar a preferência dos animais. Os testes com duas garrafas foram realizados semanalmente até o final do experimento num total de 13 testes (4 antes, 6 durante o PE e 3 depois). O consumo dos líquidos foi calculado levando em consideração a quantidade disponibilizada e a sobra após 1 hora. Os sujeitos foram distribuídos de forma aleatória em quatro grupos de igual tamanho. Os sujeitos do Grupo 1 foram os únicos que não foram submetidos ao PE e foram divididos em dois subgrupos: Grupo 1 23h - dois sujeitos foram submetidos à privação de 23h de água e de ração antes dos testes semanais de consumo e Grupo 1 85% - dois sujeitos foram submetidos à privação contínua de água para manter seus pesos a 85% ad lib. a partir de 90 dias de vida, permanecendo sob essa privação ao longo de todo o estudo. Os sujeitos do Grupo 2 foram submetidos à privação de 23h de água e de ração antes dos testes de consumo + privação como componente do PE. Os sujeitos do Grupo 3 foram submetidos à privação de 23h de água e de ração antes dos</p>	

testes de consumo + privação como componente do PE + 85% ad lib. Os sujeitos do Grupo 4 foram submetidos à privação contínua de água a 85% ad lib. Os resultados mostraram que os pesos dos sujeitos variaram a depender do tipo de privação à qual foram submetidos. Independentemente do tipo de privação, o consumo de solução água-sacarose foi maior que o consumo de água nos testes realizados antes, durante e após o PE. Ao contrário do que prevê o Modelo do CMS proposto por Willner et al. (1987) a submissão ao PE foi acompanhada de um aumento no consumo de solução água-sacarose. Por outro lado, o consumo semanal de ração na gaiola-viveiro antes, durante e depois do PE mostrou-se significativamente diferente para os sujeitos do Grupo G4 ($p=0,018$) com valores inferiores em vigência do PE, replicando os dados encontrados por Silva e Malerbi (2018) e fortalecendo a proposta de que essa medida seja uma alternativa à preferência de líquidos nos testes de consumo para avaliar os efeitos do PE, pelo menos em ratos privados de água num regime que os mantém a 85% dos seus pesos ad lib. e que não são submetidos à privação de água e de ração como componentes do protocolo de estressores.

Análise comportamental da educação: das críticas à educação tradicional à construção de uma educação alternativa | Debatedora: MARIA ELIZA MAZZILLI PEREIRA

TARSILA OCANHA PATRÍCIO DE FARIA / FANI ETA KORN MALERBI	APRENDIZAGEM SEM ERROS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA
<p>Resumo: Historicamente, estudos na área de controle de estímulos consideravam que uma discriminação apenas podia ser estabelecida empregando-se o procedimento de reforçamento diferencial, também denominado de “tentativa e erro”. A partir da década de 1960, Terrace (1963a, 1963b) demonstrou que, se forem empregados os procedimentos de fading in/out e de sobreposição e fading in/out, é possível estabelecer uma discriminação sem erros, além de ter verificado que a ocorrência de erros na aprendizagem pode ter impacto em discriminações aprendidas anteriormente e gerar respostas emocionais nos indivíduos: estudos posteriores do mesmo autor sugeriram que um controle aversivo pode ser estabelecido pela ocorrência de erros em uma aprendizagem por “tentativa e erro”. Esses resultados estão em consonância com a proposta de Skinner (1972), segundo a qual o ensino deve ser planejado para que ocorra de forma gradual, preferencialmente empregando-se contingências de reforçamento positivo em vez de extinção ou punição. Pesquisas surgiram buscando replicar os achados de Terrace (1963a, 1963b) e empregando novos procedimentos aplicados a diferentes populações. A presente revisão teve como objetivo mapear a evolução desses estudos experimentais sobre a discriminação sem erros na análise do comportamento. Foram usadas quatro bases de dados: PubMed, PMC, PsycINFO e Google Scholar. Foram analisadas 61 publicações. Os dados mostram que a maioria das publicações ocorreu na década de 1970, principalmente pesquisas básicas empregando participantes humanos com desenvolvimento atípico. Os procedimentos mais frequentemente empregados foram: (a) fading in/out; e (b) sobreposição e fading in/out, à semelhança dos estudos originais de Terrace (1963a, 1963b). Entretanto, foram identificados outros procedimentos, alguns dos quais se distanciaram significativamente da proposta original de ensino gradual. Em 55 pesquisas, os procedimentos empregados foram efetivos em reduzir erros no treino discriminativo.</p>	
RACHEL CANDIDO CESPEDES DA COSTA / MÔNICA HELENA TIEPPO ALVES GIANFALDONI	EFEITOS DE DIFERENTES CONDIÇÕES DE FEEDBACK SOBRE A AQUISIÇÃO E MANUTENÇÃO DE RESPOSTAS E GENERALIZAÇÃO VIA INSTRUÇÃO PROGRAMADA
<p>Resumo: A análise do comportamento tem-se preocupado com a educação e desenvolvido tecnologias de ensino; entre elas, a instrução programada. Os efeitos das manipulações no feedback têm sido uma das variáveis investigadas. O presente estudo teve como objetivo investigar os efeitos do feedback de conhecimento de resposta correta (KCR) combinado com o feedback de revisão dos quadros completados incorretamente até a resposta estar correta (AUC) sobre a aquisição e manutenção do responder e a generalização do controle de estímulos para um novo repertório acadêmico. No estudo, 18 universitários foram alocados em três condições experimentais: (1) KCR para todos os quadros, combinado com AUC; (2) KCR frente a erro, combinado com o AUC; (3) somente AUC. Todos os participantes passaram pelas etapas de pré-teste, ensino e pós-teste e foram convidados para a realização de coleta de generalização e manutenção. Os resultados indicam que todas as condições promoveram melhores médias de acerto nas testagens e demonstraram que a apresentação do feedback de KCR é uma variável importante para promover a generalização. Sugerem-se novos estudos para explorar os demais efeitos do feedback.</p>	
VITOR DUNCAN MARINHO / MARIA DO CARMO GUEDES	DO SISTEMA PERSONALIZADO DE ENSINO À EDUCAÇÃO ONLINE ABERTA E MASSIVA: UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA
<p>Resumo: A partir de uma análise histórico-bibliográfica, este trabalho identifica e analisa contribuições que a Análise do Comportamento tem a oferecer aos MOOCs (Cursos Online Massivos e Abertos), através do PSI (Sistema Personalizado de Ensino): (a) vantagens pedagógicas, facilidades de adaptação e possibilidades em atender demandas educacionais presentes na realidade brasileira; e (b) limitações pedagógicas, obstáculos na adaptação e barreiras impostas pela legislação brasileira vigente. MOOCs são cursos à distância, projetados para atender um número irrestrito de participantes, desenvolvidos em meio online e de “portas abertas”, que constituem um movimento educacional voltado à maior acessibilidade e inclusão na educação através da internet. O PSI é um método pedagógico desenvolvido por Keller, Bori, Azzi e Sherman na década de 1960 que tem como princípios: (1) exigência de domínio das unidades; (2) especificação dos objetivos de ensino a partir de demandas sociais; (3) ritmo individualizado; (4) unidades progressivas; (5) possibilidade de repetição das avaliações; (6) feedback imediato; (7) creditação pelo sucesso em vez de penalização pelos erros; (8) palestras e demonstrações como veículo de motivação; (9) disponibilização do material de estudo com ênfase na palavra escrita; e (10) mediação por monitoria. Além da história do PSI e dos MOOCs, este trabalho usa em sua análise: experiências em MOOCs e em PSI descritos em pesquisas anteriores; tópicos da legislação brasileira vigente relacionados à Educação a Distância (EaD); e dados relacionados à educação brasileira. Concluímos, por hora, que apesar de possível um MOOC com base no PSI, por não haver contradições de um em relação ao outro, existem obstáculos em desenvolver um curso “personalizado” para um número irrestrito de participantes. Por outro lado, algumas características do PSI são facilmente alcançáveis em MOOCs. Devido a legislação vigente, MOOCs são apenas aplicáveis ao Ensino Superior e cursos livres e podem se tornar uma importante ferramenta em um país com uma grande desigualdade no acesso à educação. Ao mesmo tempo que o PSI pode trazer aos MOOCs um ensino efetivo, os MOOCs podem trazer ao PSI aspectos de inclusão e acessibilidade, proporcionando também uma “vitrine” pela qual seus acertos e erros poderão ser melhor percebidos por educadores e pelo público em geral.</p>	

Comportamento verbal e autismo | Debatedora: PAULA SUZANA GIOIA

NATALIA MUCHERONI / MARIA ELIZA MAZZILLI PEREIRA	O CONCEITO COMUNIDADE VERBAL NA OBRA DE B. F. SKINNER
<p>Resumo: De acordo com Skinner (1986), comportamento verbal é "...comportamento que é reforçado através da mediação de outras pessoas, mas apenas quando outras pessoas estão se comportamento de formas que foram modeladas e mantidas por um ambiente verbal ou linguagem" (p. 121, tradução nossa). Dessa forma, a definição de comportamento verbal explícita a dependência da modelação e manutenção desse comportamento por uma comunidade verbal. O presente estudo teve como objetivo analisar como Skinner, ao longo de suas publicações, caracteriza e define a comunidade verbal, que papéis lhe atribui e de que modo sugere que ela cumpre esse papel. Para tal, foram selecionados trechos que continham as palavras de busca verbal community e verbal environment ao longo de toda a obra de Skinner. Tais trechos foram lidos na íntegra e classificados nas seguintes categorias: "definição/características da comunidade verbal"; "subcomunidades verbais"; "relação entre a comunidade verbal e falante"; "relação entre a comunidade verbal e ouvinte"; "relações com outras áreas" e "comunidade verbal como prática cultural". A comunidade verbal tem, para Skinner, como principais características o fato de ser um conjunto de falantes, ouvintes e audiências que reforçam e punem diferencialmente respostas específicas do falante.</p>	
MONIQUE LUZIA DE SOUZA / MARIA ELIZA MAZZILLI PEREIRA	LEITURA E ESCRITA RECOMBINATIVA COM PESSOAS COM DESENVOLVIMENTO ATÍPICO: CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES NACIONAIS
<p>Resumo: No Brasil, pesquisas revelam que alunos com desenvolvimento atípico frequentemente apresentam desempenho insatisfatório em avaliações acadêmicas, inclusive em leitura e escrita. Visando a tornar os programas de ensino de leitura e escrita mais econômicos e efetivos, a generalização recombinaiva tem sido investigada, pois permite a expansão da leitura e da escrita para unidades textuais não diretamente ensinadas. No entanto, o controle restrito de estímulos observado, principalmente, no responder da população atípica, pode dificultar tal expansão. Frente a isso, no Estudo 1, foi realizada atualização de uma revisão sobre o tema, tendo como objetivo a caracterização das pesquisas nacionais que avaliaram a emergência da leitura/escrita recombinaiva. Foram analisadas teses e dissertações de 2011 a 2019 e artigos publicados até 2019 coletados em fontes de informações digitais. Foram selecionados 133 trabalhos. Identificou-se que UFSCar, PUC-SP e UFPA foram as universidades com maior produção de teses e dissertações e, acrescentando-se a UnB, tiveram os principais orientadores sobre o tema. De 2009 a 2016, mais da metade dos artigos foi publicada, e UFSCar, UnB, INCT-ECCE, UEL e UFSC foram as instituições com maior número de artigos. Os participantes comumente eram crianças com desenvolvimento típico matriculadas no ensino fundamental. O Estudo 2 foi realizado com o propósito de analisar as características das pesquisas realizadas com a população atípica e de identificar variáveis relevantes para a emergência de leitura/escrita recombinaiva para essa população. Foram analisados os trabalhos do Estudo 1 e aqueles de uma revisão anterior, e selecionados 45 trabalhos na primeira etapa (análise dos dados básicos) e 29 na segunda (análise integral). Os resultados indicam que: (a) o primeiro trabalho com a população atípica ocorreu em 1994; (b) de 2006 em diante, houve produção estável de teses e dissertações; (c) UFSCar, UFPA e PUC-SP foram as universidades com maior produção de teses e dissertações, com destaque para a UFSCar; (d) UFPA, UFSCar e INCT-ECCE foram as instituições com maior número de artigos publicados; (e) variados diagnósticos foram identificados, com destaque para o transtorno do espectro autista (TEA); (f) os treinos, comumente, eram individuais e aplicados pelo pesquisador; (g) procedimentos que promovem a discriminação de unidades menores demonstraram ser mais efetivos; e (h) poucos estudos avaliaram manutenção dos resultados. Recomenda-se que futuras pesquisas investiguem procedimentos de ensino pouco aplicados com tal população, utilizem unidades textuais complexas e realizem treinos grupais, tendo o professor como agente de intervenção, visando à capacitação desse profissional.</p>	
LARISSA DE AGUIRRE SILVA / MARIA ELIZA MAZZILLI PEREIRA	A CORRESPONDÊNCIA VERBAL ENTRE O FAZER E O DIZER DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA SOB DIFERENTES CONTIGÊNCIAS
<p>Resumo: Correspondência verbal é comumente definida na literatura como a relação entre o comportamento verbal e o não verbal de um indivíduo. Investigações das condições que afetam o relato sobre o próprio comportamento vêm sendo conduzidas por analistas do comportamento, porém são escassos os estudos com indivíduos com desenvolvimento atípico. Buscou-se, neste estudo, investigar-se e como os diferentes arranjos de contingências afetam a correspondência entre os comportamentos verbal e não verbal de crianças diagnosticadas com autismo. Participaram do estudo quatro crianças com idades entre 4 e 8 anos diagnosticadas com TEA. O delineamento experimental adotado foi o de sujeito único, de múltiplos elementos. Em todas as sessões houve um período de brincar e um de relatar; o período de brincar permaneceu o mesmo durante todo o estudo enquanto o de relatar variou conforme cinco condições experimentais: linha de base, reforçamento do relato de brincar individual, reforçamento do relato de brincar em grupo, reforçamento do relato correspondente em grupo e reforçamento não contingente. Os resultados demonstraram que crianças com TEA possivelmente necessitem de um número maior de exposições ao grupo para modificarem seus relatos, sob controle dos relatos dos seus pares, visto que aumentar o número de sessões dessa condição alterou o relato de dois dos participantes; um deles, que nas fases de linha de base e de reforçamento do relato de brincar individual não havia emitido relatos não correspondentes, passou a fazê-lo na fase de reforçamento do relato de brincar em grupo; o outro, que emitia exclusivamente relatos de brincar, passou a emitir também relatos de não brincar na fase de grupo. Com base nos dados deste estudo, pesquisadores poderiam planejar intervenções em grupo para alcançar diferentes objetivos relativos ao comportamento verbal (e, possivelmente, também ao não verbal) de crianças com TEA.</p>	
CLÁUDIO ALMEIDA SARILHO / PAULA SUZANA GIOIA	PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO COMPORTAMENTAL PRECOCE: ACOMPANHADO CRIANÇAS FORA DE RISCO DE TEA
<p>Resumo: Os instrumentos de rastreamento de TEA possuem diferentes formas de coletar informações sobre o desenvolvimento infantil, utilizando relato verbal ou vídeos caseiros. Observar, porém, o comportamento da criança em tarefas estruturadas é a forma mais confiável de obter esses dados. A fim de se investigar o risco de TEA, o delineamento de coorte é o mais recomendado, e, para isso, é necessário acompanhar ao longo do tempo dois grupos, no qual um está exposto ao risco do transtorno; e o outro, não. O objetivo do presente estudo foi analisar o protocolo de desenvolvido por Gioia e Guilhardi (2018) para verificar se suas tarefas produzem os comportamentos-alvo em crianças fora de risco de TEA. O estudo contou com oito participantes entre 12 meses e 24 meses de idade, de creches públicas e de escola particular da cidade de São Paulo (SP). O delineamento utilizado foi longitudinal prospectivo. As tarefas com maior porcentagem em produzir os comportamentos-alvo foram: 9, 10 e 12, com 100% de taxa; 2, 4 e 5, com 92,31%; e 3 e 1, com 84,62% e 76,92%, respectivamente. As tarefas que obtiveram menor porcentagem em produzir os comportamentos-alvo foram: 8, com 61,54%; 11, com 33,33%; 6, com 15,38%; 7, com 7,69%; e 13, que não produziu o comportamento-alvo em nenhuma oportunidade. O comportamento acompanhante observado em maior frequência foi o contato visual, enquanto sorrir/rir e balbuciar apareceram em menor frequência. As principais limitações deste estudo foram pouco tempo de acompanhamento/aplicação do protocolo e número reduzido de participantes.</p>	

ANA CAROLINA MOREIRA RAMALHO / PAULA SUZANA GIOIA	TREINO PIRAMIDAL PARA ENSINO DE CUIDADORES NO ATENDIMENTO DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA REVISÃO
Resumo: O ensino de cuidadores tem-se mostrado eficaz para a melhora dos deficits relacionados ao transtorno do espectro autista (TEA) e uma forma de ampliar as oportunidades da pessoa com TEA de aprender de um modo menos oneroso financeiramente. O treino piramidal consiste em um especialista ensinar um familiar/cuidador/profissional (Tier 1) e este, por sua vez, ensinar outro familiar/cuidador/profissional (Tier 2) para aplicar o que foi ensinado diretamente na pessoa com deficiência ou transtorno do neurodesenvolvimento (Tier 3). O presente estudo replica, com alterações, pesquisa de Andzik e Cannella-Malone (2017) e apresenta uma revisão de literatura sobre o treino piramidal, com análise das características dos treinos e foco em TEA ou outro tipo de deficiência. Foram realizadas buscas nas bases de dados ERIC, PsycINFO e PubMed com recorte de tempo de 2017 a 2020 que retornaram oito estudos, de acordo com os critérios de inclusão. Os resultados demonstram que os componentes utilizados para treinar os Tiers 1 e 2 variaram consideravelmente, mas foi possível observar que descrever a prática, dar modelo e feedback foram os componentes mais utilizados, e houve descrição da utilização de role play em ao menos metade dos estudos encontrados. Há, porém, pouca referência ao êxito do Tier 3 frente à quantidade de artigos selecionados. De maneira geral, os resultados corroboraram os achados de que treino piramidal pode ser vantajoso em redução de custos e aumento de alcance, mas foi detectada a necessidade de checklist com os comportamentos a serem ensinados para se calcular a integridade das aplicações, de ensinar Tiers 1 e 2 a coletarem dados e de planejamento de generalização e manutenção das habilidades aprendidas por cada Tier.	
LÍVIA MARINA DE OLIVEIRA / AMILCAR RODRIGUES FONSECA JÚNIOR	REVISÃO SISTEMÁTICA DO USO DO CONCEITO "AUTOCLÍTICO" EM ARTIGOS PUBLICADOS NO THE ANALYSIS OF VERBAL BEHAVIOR
Resumo: O livro O Comportamento Verbal, de B. F. Skinner, é uma obra essencial no campo da Psicologia, por permitir uma ampla compreensão dos processos comportamentais relacionados à linguagem. O autoclítico é um tipo de comportamento verbal destacado nessa obra, cuja função é modificar ou especificar o efeito das relações verbais primárias sobre o ouvinte. Tendo isso em vista, o presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática dos artigos sobre autoclítico publicados no periódico The Analysis of Verbal Behavior (TAVB), entre os anos de 1982 e 2019. Mais especificamente, buscou-se analisar as seguintes características das publicações: distribuição temporal ao longo dos anos, natureza das pesquisas, mudanças na organização/categorização de autoclítico, assim como associações possíveis com o termo, objetivos, tipos de autoclíticos investigados, perfil dos participantes das pesquisas, procedimentos empregados e resultados. Artigos sobre o tema foram publicados regularmente ao longo dos anos, com exceção do período compreendido entre os anos de 1994 a 2007, no qual não foram identificadas publicações sobre o tema. Pesquisas empíricas e teóricas foram publicadas com frequência aproximada, tendo sido identificadas definições diversas. Os objetivos dos estudos, bem como os procedimentos empregados, se mostraram variados. Quadros autoclíticos e autoclíticos qualificadores foram os conceitos mais abordados nos estudos, que investigaram predominantemente crianças com desenvolvimento típico. Os resultados das pesquisas indicaram a possibilidade de seleção de comportamentos autoclíticos. Sugere-se que mais estudos sobre autoclíticos são necessários para uma maior compreensão do comportamento humano complexo.	

Análise comportamental do preconceito | Debatedora: PAOLA ESPÓSITO DE MORAES ALMEIDA

WASHINGTON SANTOS DE SOUZA / MARIA ELIZA MAZZILLI PEREIRA	ESTUDO DE PRECONCEITO SOCIAL EM RELAÇÃO À PERIFERIA POR MEIO DO IRAP
Resumo: A análise do comportamento é uma ciência que se preocupa com questões de ordem social e como tais práticas culturais se relacionam com o comportamento. A fim de avaliar essas relações, foram desenvolvidos instrumentos de medidas de atitudes implícitas, como o Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP). Esta pesquisa buscou analisar o preconceito em relação à periferia, com os seguintes objetivos: (a) avaliar a existência de vieses em relação a imagens de bairros periféricos de São Paulo (SP) e preconceito social entre os participantes; (b) em caso positivo, se esse viés seria menor em moradores de bairros periféricos; e (c) verificar se variáveis de uma história de violência urbana poderiam estar relacionadas a vieses. Participaram 26 pessoas, de 18 a 57 anos de idade, divididas em quatro grupos: (a) moradores de bairros periféricos que passaram por episódios de violência; (b) moradores de bairros periféricos que não passaram por episódios de violência; (c) moradores de bairros nobres que passaram por episódios de violência; e (d) moradores de bairros nobres que não passaram por episódios de violência. De acordo com os resultados, nenhum grupo apresentou viés negativo em relação à periferia, e os participantes moradores de bairros nobres avaliaram mais positivamente as imagens de bairros periféricos que moradores desses mesmos bairros. Não foi possível verificar se variáveis relacionadas à violência urbana influenciaram vieses.	
CAROLINE LUIZA COELHO / AMILCAR RODRIGUES FONSECA JÚNIOR	INVESTIGAÇÃO SOBRE O USO DO TESTE DE VELOCIDADE DE AQUISIÇÃO DE FUNÇÃO (FAST) PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ATITUDES RACIAIS PRECONCEITUOSAS
Resumo: O preconceito racial é um problema de ordem sociocultural e comportamental presente há muito tempo em todo o mundo, o que o torna tema obrigatório de ser pautado por uma ciência do comportamento. A Análise do Comportamento dispõe de instrumentos para medir vieses raciais e tem contribuído com a investigação de fenômenos como o racismo. Partindo desses pontos, o presente trabalho teve como objetivo investigar se o instrumento FAST permite identificar vieses racistas em um ambiente online/remoto. O uso do FAST prevê que classes de respostas congruentes com relações racistas historicamente construídas (e.g., branco/positivo e negro/negativo) sejam mais rapidamente aprendidas do que relações incongruentes com tais estereótipos. Foram participantes 28 estudantes universitários de diferentes cursos, todos eles submetidos aos dois blocos do FAST. Como resultado, foi observado que 67% dos participantes formaram mais rapidamente relações consistentes com estereótipos racistas do que relações inconsistentes. Ademais, foi encontrada uma relação direta entre idade e período do curso em que os participantes estavam matriculados e aprendizagem mais rápida de relações consistentes com estereótipos racistas. O viés racista se mostrou mais acentuado em estudantes mais novos e iniciantes na graduação do que em estudantes mais velhos e em períodos mais avançados da graduação. Esses dados sugerem que a variável tempo de permanência na universidade, que pode implicar em diferentes níveis de exposição a discussões políticas e sociais – a depender do curso e da universidade – pode ser um fator relevante para determinar o tempo de aprendizagem das diferentes relações estudadas. Por fim, a aplicação do FAST de forma online/remota se mostrou adequada e, no futuro, pode ser empregada para investigar, dentre outras possibilidades, diferenças entre universidades e até interculturais no estudo de questões Raciais.	
FLÁVIO FACCINI MARTINS / PAOLA ESPÓSITO DE MORAES ALMEIDA	CORRESPONDÊNCIA ENTRE MEDIDA EXPLÍCITA NÃO VERBAL E O IMPLICIT RELATIONAL ASSESSMENT

	PROCEDURE (IRAP) NO ESTUDO DO PRECONCEITO SEXUAL
<p>Resumo: O Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) tem sido o principal instrumento utilizado para avaliar preconceito, diferentemente das medidas explícitas não verbais. Com o baixo número de pesquisas por meio dessa forma de investigação, a presente pesquisa almejou comparar a convergência ou divergência na produção de resultados de preconceito sexual nesses diferentes tipos de medida (implícita e explícita não verbal) com pessoas de diferentes orientações sexuais e políticas. Doze pessoas (sendo seis heterossexuais e seis homossexuais, sendo que seis se declararam com orientação política de direita ou centro, e seis de esquerda) realizaram o IRAP com o critério de 2 segundos de latência e 80% de acerto e foram entrevistadas por dois confederados, sendo descrito aos participantes sempre que um deles era homossexual e o outro era heterossexual, e eles foram solicitados a escolher qual dos dois deveria receber uma bolsa de mestrado para continuar a pesquisa com o experimentador. As entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, e os comportamentos de sorrir, movimentar-se de forma irregular na cadeira e ter contato visual foram registrados por intervalo de 15 segundos, sendo realizada a diferença do confederado homossexual para o heterossexual. Foi considerado como preconceito quando os candidatos sorriram mais, movimentaram-se menos de forma irregular e mantiveram mais contato visual para o confederado heterossexual. Na medida explícita não verbal percebeu-se que quanto mais positiva a diferença da porcentagem de tempo em que um participante sorria, movimentava-se irregularmente ou se aproximava de um confederado, maior a chance de escolher o confederado homossexual. Quatro dos doze participantes apresentaram convergência entre todas as medidas explícitas, indicando uma dificuldade de identificar viés por meio da própria medida. Quando divididos de acordo com sua orientação sexual, o grupo homossexual foi identificado pela medida explícita não verbal com viés heteronegativo, e o heterossexual sem viés, e quando divididos por orientação política, os esquerdistas também foram considerados heteronegativos, e os não esquerdistas também não apresentaram viés sexual. Já na medida implícita, os grupos heterossexual, homossexual e esquerdistas não apresentaram viés, e o grupo não esquerdistas apresentou um valor de t significativo, mas não para algum tipo de viés, em uma única relação exigida pelo IRAP. A convergência entre as medidas foi difícil dado que uma mesma medida apresentava mais de um valor, e nem sempre esses valores apontavam para o mesmo resultado (divergência intramedida), especialmente na avaliação individual dos participantes. Analisando os dados a partir do valor mais alto de cada tipo de medida, percebeu-se correspondência em nove dos 12 participantes analisados individualmente. Houve uma convergência intermedida de quase todos os casos quando os participantes foram analisados em grupo. Sugere-se que novas pesquisas tomem alguns cuidados metodológicos, tais como: randomizar a ordem das entrevistas e solicitar a escolha do participante antes das entrevistas. Futuras pesquisas podem se utilizar de um número maior de participantes para garantir maior representatividade da amostra, e investigar quatro grupos diferentes: heterossexuais de esquerda, heterossexuais de direita, homossexuais de esquerda e homossexuais de direita.</p>	
GIULIA CÂNDIDO BRUNO / DENIZE ROSANA RUBANO	MANUTENÇÃO DA PRÁTICA DE FUTEBOL POR MULHERES: ANÁLISE COMPORTAMENTAL DE VARIÁVEIS PRESENTES NO DISCURSO
<p>Resumo: A presença das mulheres no campo dos esportes vem aumentando há mais de um século, porém no futebol a diferença de condições entre os gêneros ainda é gritante. A partir dos conhecimentos da Análise do Comportamento, pode-se buscar compreender como as contingências sociais são arranjadas para manter a desigualdade de gênero, inclusive nos esportes, condição necessária para a mudança de tal situação. Além disso, poucas pesquisas na área da psicologia do esporte procuram compreender as contingências estabelecidas nesse contexto. O objetivo desta pesquisa foi, portanto, entender quais são as variáveis que mantêm as mulheres na prática do futebol e analisar como os relatos controlaram o comportamento da pesquisadora para identificar tais variáveis. A coleta dos dados se deu por meio de entrevistas semi-estruturadas e as participantes foram cinco jogadoras profissionais de futebol. As entrevistas foram transcritas e através delas formularam-se três categorias de reforçadores: sociais, econômicos e intrínsecos; e três de antecedentes: condições familiares, de trabalho e planos para o futuro. Os resultados apontaram que reforçadores sociais de diversas fontes parecem ser de especial importância. Os reforçadores financeiros parecem não oferecer segurança para a vida das atletas, visto que muitas buscam por alternativas para se sustentar em outras profissões. Já os reforçadores intrínsecos parecem essenciais, mas não suficientes para manter a prática sem os outros reforçadores descritos. Diante dos relatos sobre as condições antecedentes, pode-se destacar a importância das condições financeiras familiares e as condições de trabalho adequadas. Também é possível destacar os planos para o futuro como regras que ao evocar as respostas descritas, as aproximam de seus objetivos e possíveis reforçadores principais. Ademais, a Análise Comportamental do Discurso possibilitou indicar como as respostas verbais apresentadas pelas participantes controlaram o comportamento da pesquisadora para a formulação das categorias utilizadas na análise e sua discussão.</p>	

Análise comportamental da dependência | Debatedor: DANIEL DE MORAES CARO

GABRIELA DA SILVA COSTA / AMILCAR RODRIGUES FONSECA JÚNIOR	O MANEJO DE CONTINGÊNCIAS COMO PRÁTICA ALTERNATIVA À ABSTINÊNCIA INVOLUNTÁRIA PARA DEPENDENTES QUÍMICOS EM ÁLCOOL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
<p>Resumo: O presente trabalho teve como objetivo fazer uma revisão de literatura dos estudos analítico-comportamentais sobre o uso de manejo de contingências para o tratamento da dependência em álcool. Foi realizada uma busca por pesquisas experimentais indexadas na base de dados PubMed, cuja variável independente fosse o manejo de contingências e a variável dependente o uso abusivo de álcool. Foram encontradas as pesquisas de Brigham et al. (1981), Barnett et al. (2011), McDonnell et al. (2017) e Koffarnus et al. (2018). Foram caracterizados os seguintes elementos de cada pesquisa: objetivos, participantes, delineamentos, procedimentos, medidas de dependência em álcool e resultados. Os estudos buscaram investigar a eficácia do manejo de contingências para a redução do uso abusivo de álcool com participantes de diferentes sexos, idades e etnias. Para tanto, empregaram contingências de reforçamento positivo e punição negativa e avaliaram os seus efeitos por meio de delineamentos de grupo e de caso único, a partir de medidas verbais e não verbais. Os resultados obtidos demonstraram a eficácia da intervenção, o seu direcionamento ético, mesmo ao sobrepor contingências de punição negativa a contingências de reforçamento positivo, e o seu rigor metodológico, característico da Análise do Comportamento. Entende-se que o manejo de contingências se apresenta como uma estratégia alternativa às práticas proibicionistas vigentes e pode ser uma opção ao se planejar e propor políticas públicas para dependência química mais humanitárias e que independam da internação de indivíduos em instituições totais.</p>	
BRUNO VIEIRA DE MACÊDO CORTES / PAOLA ESPÓSITO DE MORAES ALMEIDA	ANÁLISE DO CONTROLE DA LEI DE DROGAS SOBRE PRÁTICAS JURÍDICAS EM PROCESSOS JUDICIAIS
<p>Resumo: O objetivo deste trabalho é avaliar a lei e práticas jurídicas para o controle do uso e tráfico de drogas. Foram realizado s dois estudos: o primeiro teve como objetivo analisar as metacontingências descritas na Lei 11343/2006, que trata da prevenção do uso, atenção à saúde e reinserção social do usuário e da repressão ao tráfico. Os artigos da lei analisados foram organizados em</p>	

tríplices contingências, que foram classificadas como completas ou incompletas. Foi identificada uma maioria de contingências completas. Foram também identificados problemas na descrição de critérios para distinguir traficantes e usuários, o que pode levar a problemas de julgamentos e penalizações. Diante deste resultado, observa-se a necessidade de analisar melhor os estímulos que controlam as decisões judiciais relacionadas ao uso e tráfico de drogas. O segundo estudo teve como objetivo identificar variáveis que controlam a imposição da pena prevista na legislação para tráfico ou porte para consumo de drogas, por meio da análise de processos jurídicos do estado de São Paulo. Foram identificadas, como variáveis relevantes, critérios relativos à circunstância da ocorrência (apreensão de bens, veículos ou petrechos que podem servir para mensurar e embalar drogas ou flagrante de fornecimento de drogas) e ao passado do réu (antecedentes, denúncias ou processos). Também foi observado que metade dos réus considerados usuários foram presos até o julgamento analisado. Foi identificado também uma predominância de consequências aversivas em relação a encaminhamentos para programas educacionais para usuários. Foi discutida a importância de observar o que é feito para modificar o ambiente que levou a pessoa a usar drogas e a entrar para o tráfico, uma vez que o controle aversivo por si só pode ter funções higienistas, além de produzir subprodutos indesejáveis.

YASMIN MATSUDA MEGGIOLARO / DENIZE ROSANA RUBANO

REFLEXOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA ADOLESCÊNCIA: O DESENVOLVIMENTO A PARTIR DA DEPENDÊNCIA DE INTERNET

Resumo: O consumo de internet tem aumentado conforme as tecnologias avançam, de forma que os usuários passam a se tornar dependentes sem perceber e, muitas vezes, sem notar que o uso se tornou excessivo podendo trazer consequências psicológicas. A dependência de internet (DI) é um fenômeno que está se tornando muito frequente nos consultórios psicológicos e médicos, afetando principalmente a população adolescente que vivencia período caracterizado, principalmente, pela impulsividade e a grandiosidade de todas as situações. O presente trabalho buscou mostrar, a partir de uma revisão bibliográfica de artigos teóricos e de pesquisa empírica, as características da DI, possíveis fatores relacionados à sua instalação e manutenção, quais “redes sociais” figuram entre as que têm sido associadas à DI, as consequências de tal dependência no repertório de adolescentes e as contribuições da terapia cognitivo-comportamental (TCC) para seu tratamento. Como principais resultados, evidenciam-se as mudanças negativas na qualidade de vida dos adolescentes com isolamento social, queda de rendimento escolar, profissional, problemas com sono, alimentação, além dos transtornos que se fazem presentes no diagnóstico de dependência como transtornos de ansiedade, fobias, TDAH. A TCC traz boas respostas no tratamento dos transtornos do controle dos impulsos, nos quais se encaixa a dependência de internet, a partir de uma reestruturação cognitiva, alterando as distorções de pensamento e auxiliando numa possível recaída. É necessário e importante que os adolescentes tenham auxílio ao utilizar a internet, a fim de conectar-se de forma equilibrada e consciente, evitando uma possível dependência.

Fundamentos epistemológicos da Análise do Comportamento e possibilidades de intersecção com outras filosofias | Debatedor: MARCOS SPECTOR AZOUBEL

JOSÉ RODOLPHO SCHULTZ DINIZ / NILZA MICHELETTO

BEHAVIORISMO RADICAL, ONTOLOGIA E EPISTEMOLOGIA: UMA ANÁLISE DAS POSIÇÕES DE ANALISTAS DO COMPORTAMENTO SOBRE REALIDADE E VERDADE

Resumo: O behaviorismo radical é tido como uma filosofia coerente em suas posições, principalmente sobre aspectos do objeto de estudo e metodologia. Entretanto, existem, entre analistas do comportamento, divergências em relação à epistemologia e à ontologia do behaviorismo radical, especialmente nas interpretações sobre a noção de verdade e a suposição da existência e independência da realidade em relação ao sujeito que conhece. Buscou-se, neste estudo, descrever e analisar quais posições os autores vêm apresentando quanto a esses temas, por meio de uma revisão de artigos publicados em periódicos. A busca foi realizada com descritores nas bases de dados PsycNET e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e obteve, inicialmente, 128 resultados. Foram selecionados 40 artigos para análise. Os resultados apontaram para uma diversidade e divergências de interpretações no campo epistemológico com associações mais frequentes com a verdade pragmática; e, no campo ontológico, um posicionamento maior dos autores em favor da existência da realidade e da dependência da realidade do sujeito que conhece. Identificaram-se, porém, posições contrárias entre os autores relativas à verdade e a realidade, ocorrendo incompatibilidade entre as posições desses autores e entre as teses epistemológicas e ontológicas, como, por exemplo, um grande contingente de autores assumindo a realidade, mas concebendo uma noção de verdade que não leva em conta essa realidade.

LUIZ FELIPE MONTEIRO DA CRUZ / NILZA MICHELETTO

ENGAJAMENTO PÚBLICO EM PESQUISA COMO FORMA DE DEMOCRATIZAÇÃO DA CIÊNCIA: REVISÃO DE ESCOPO E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Resumo: No presente estudo, conduzimos uma revisão de escopo com o intuito de traçar um panorama da literatura que relata experiências baseadas em abordagens relacionadas à ciência cidadã, com foco na democratização da ciência. A partir desse panorama, investigamos de que maneira uma leitura analítico comportamental poderia contribuir à área, com foco em aspectos metodológicos e de mensuração, mais especificamente. De um total de 3.954 publicações analisadas, apenas quatro foram incluídas na análise final. Esse resultado é discutido em termos de definições do que é participação efetiva em pesquisa e do lugar da palavra “ciência” entre essas abordagens. Entre esses quatro estudos, identificamos possibilidades e recomendações para o engajamento do analista do comportamento em pesquisas que adotem uma abordagem participativa, bem como aspectos metodológicos que uma perspectiva analítico-comportamental teria a oferecer. Entretanto, não encontramos na literatura consultada subsídios para elaborar um possível conjunto de medidas comportamentais do engajamento em pesquisa como forma de democratização da ciência.

RADHARANI RODRIGUES SOARES / AMILCAR RODRIGUES FONSECA JÚNIOR

CONTRIBUIÇÕES DO MARXISMO PARA A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO PARA O MARXISMO A PARTIR DA OBRA DE JEROME D. ULMAN

Resumo: A Análise do Comportamento (AC), por ser um sistema materialista e histórico, permite diálogos diretos com o Marxismo. Sendo assim, a presente pesquisa teve como objetivo investigar as contribuições do Marxismo para a AC e da AC para o Marxismo a partir dos trabalhos publicados por Jerome D. Ullman entre os anos de 1972 e 1991. Para tanto, foi realizada uma busca pelas publicações do autor na plataforma Google Acadêmico. Foram selecionados, ao todo, seis trabalhos. Como resultado, foram identificadas as seguintes contribuições do Marxismo para a AC: ampliação do poder explicativo da Análise do Comportamento pela consideração da luta de classes como uma variável a ser analisada; ampliação do nível de análise da Análise do Comportamento pela incorporação do materialismo dialético ao Behaviorismo Radical; ampliação da compreensão das relações de trabalho na Análise do Comportamento pela consideração do conceito de alienação de K. Marx; e ampliação das possibilidades de transformação social pela incorporação da tecnologia de transformação social marxista à Análise do Comportamento. Por outro

lado, foram identificadas as seguintes contribuições da AC para o Marxismo: ampliação da consistência interna do Marxismo enquanto disciplina materialista pela eliminação de conceitos mentalistas que podem levar a noções idealistas; ampliação das possibilidades de estabelecimento do socialismo pelo uso das tecnologias providas pela Análise do Comportamento; e ampliação do poder explicativo da teoria marxista pela incorporação do seccionismo ao Marxismo. Atesta-se a complementariedade entre Marxismo e AC.	
VANESSA MARTINS DA SILVA / AMILCAR RODRIGUES FONSECA JÚNIOR	OS DETERMINANTES DO COMPORTAMENTO ARTÍSTICO À LUZ DA OBRA DE B. F. SKINNER
Resumo: O comportamento artístico é tema de interesse da Psicologia desde a sua constituição. Apesar disso, os analistas do comportamento pouco produziram sobre esse fenômeno, predominantemente tratado a partir de concepções mentalistas na literatura psicológica. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo identificar os determinantes do comportamento artístico a partir dos escritos de B. F. Skinner. Foram selecionados os cinco trabalhos mais citados do autor segundo o Google Scholar Citations, além do artigo Creating a creative artist. Todos os trechos que continham as palavras art, artist e artistic foram selecionados e classificados de acordo com as seguintes categorias: reforçamento natural positivo e negativo, reforçamento arbitrário positivo e negativo, estímulo discriminativo, operação motivacional e falsos determinantes do comportamento. Constatou-se que o comportamento artístico é determinado por um conjunto de variáveis que se dão na relação do organismo com o ambiente. Nesse sentido, a produção artística é muito mais do que um modo de expressão da “vida interna”, sendo possível ensinar formas de se alcançar comportamentos criativos e originais. Segundo essa concepção, “não se nasce artista, torna-se artista”, o que a afasta da concepção mentalista segundo a qual um eu iniciador é responsável pelo comportamento novo.	

Análise do comportamento aplicada a contextos de atuação diversos | Debatedora: MÔNICA HELENA TIEPPO ALVES GIANFALDONI

ANDREIA BERGMANN / MÔNICA HELENA TIEPPO ALVES GIANFALDONI	FERRAMENTAS DE DIAGNÓSTICO DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO NAS ORGANIZAÇÕES: UMA ANÁLISE DO PDC, DO PDC-HS E DO PDC-SAFETY
Resumo: A gestão de desempenho é a esfera da análise do comportamento nas organizações (OBM) que se preocupa com o comportamento individual ou de grupos de indivíduos, visando a aperfeiçoar as condições de trabalho e a produtividade dos funcionários. Nesse campo, foram desenvolvidas diferentes ferramentas de avaliação que visam a indicar possibilidades de melhoria. A presente pesquisa analisou três ferramentas de desempenho humano no trabalho: (a) Performance Diagnostic Checklist (PDC); (b) Performance Diagnostic Checklist – Human Services (PDC-HS); e (c) Performance Diagnostic Checklist – Safety (PDC-Safety), por meio da leitura de 40 artigos selecionados em periódicos da área, que ou aplicaram as ferramentas ou as discutem teoricamente, de modo a averiguar: (a) quais os cuidados metodológicos para a aplicação das ferramentas; (b) seus pré-requisitos e quando são indicados; (c) se a literatura sugerida para as intervenções fornece elementos necessários e suficientes; (d) se os artigos cumpriam os quesitos das dimensões que caracterizam pesquisas aplicadas, segundo Baer, Wolf e Risley (1968, 1987). A partir da análise, foram indicados os seguintes fatores a serem mais bem descritos: escolha da ferramenta, entrevistas com supervisores e observações das tarefas-alvo, realização dos cálculos para indicar problemas e escolha das intervenções a partir dos resultados. A dimensão tecnológica foi seguida pela maioria dos artigos.	
MARINA KAIRALLA GARCIA DE AZEVEDO / AMILCAR RODRIGUES FONSECA JÚNIOR	COMPARAÇÃO ENTRE OS EFEITOS DO USO DE PSICOTERAPIA E FLUOXETINA NO TRATAMENTO DO TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO
Resumo: O transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) afeta de 1% a 2% da população pediátrica. Tratamentos convencionais para essa população são a terapia cognitivo-comportamental (TCC), a exposição com prevenção de resposta e a farmacoterapia. Dada a pluralidade de tratamentos, este estudo teve como objetivo comparar efeitos da TCC em grupo e da fluoxetina sobre os níveis de TOC, estresse e acomodação familiar (AF) em crianças e adolescentes. Para tanto, foram utilizados os dados de 23 jovens com TOC, com idades entre 7 a 17 anos, que participaram de um ensaio clínico randomizado por 14 semanas no Ipq do HC-FMUSP. Os instrumentos utilizados para a avaliação foram: Escala Yale-Brown de Sintomas Obsessivo-Compulsivos (Y-BOCS), Escala de Acomodação Familiar (FAS) e Escala de Estresse para Crianças (ESI). Tanto os participantes submetidos à psicoterapia quanto os submetidos à fluoxetina apresentaram melhora nas variáveis investigadas. Todavia, os participantes do grupo submetido a fluoxetina apresentaram melhora mais expressiva nas variáveis estresse e AF. Discute-se que embora farmacoterapia tenha efeitos mais rápidos que a psicoterapia, tem como pontos negativos os efeitos colaterais induzidos pelo fármaco e a duração dos resultados após a descontinuidade do tratamento. Ademais, o uso de fármacos não ensina novos repertórios necessários para que a pessoa com TOC lide com as variáveis que determinam o seu comportamento. Estudos futuros podem investigar diferentes componentes da TCC e outras formas de psicoterapia.	
ULISSES ALBERTO MIRANDA NETO / DENIZE ROSANA RUBANO	TERAPIA ANALÍTICO FUNCIONAL: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE SUA RELAÇÃO COM O BEHAVIORISMO RADICAL
Resumo: Há diferentes Manuais de Protocolos de Atendimento Clínico de comunidades científicas norte-americanas que são agrupados sob a denominação Terapia Cognitivo-Comportamental. Seria adequada uma diferenciação mais específica dessas intervenções, com base na compreensão que elas apresentam dos determinantes dos comportamentos sobre os quais elas buscam intervir. Nesse sentido, há duas posições deterministas principalmente assumidas: a Mediacionista, que é mentalista, estruturalista ou cognitivista e a Ambientalista ou Behaviorista Radical. A segunda compreensão é materializada especialmente pela prática da Análise Funcional, e pela crítica ao modelo epistemológico Mediacional. Um breve levantamento bibliográfico cruzado dá indícios que, dentre os Protocolos de Atendimento Clínico da denominada Terceira Onda, o único sobre o qual parece haver concordância de assumir o paradigma Behaviorista Radical é a Terapia Analítico Funcional (FAP). O presente estudo buscou compreender em que medida esse protocolo se aproxima da perspectiva behaviorista radical. O material selecionado para análise foi o capítulo 1 (“What is Functional Analytic Psychotherapy?”) do livro “A Guide to Functional Analytic Psychotherapy” de autoria de Mavis Tsai, et al. (2009). Todas as passagens do capítulo em questão foram categorizadas, de acordo com a temática abordada por cada uma delas, segundo o aspecto epistemológico abordado: concepção de homem, concepção de mundo, concepção de causalidade, concepção de conhecimento. As informações obtidas foram utilizadas para compor uma caracterização de cada um desses aspectos que foi, posteriormente, comparada com a bibliografia de referência. Concluiu-se que a FAP está em grande medida alicerçada nos supostos do Behaviorismo Radical, sendo alinhada teoricamente à Análise do Comportamento em diversos pontos. Ambas são Teorias Contextualistas e Interacionistas, oferecem uma contrapartida ao Mecanicismo, são Materialistas, se contrapondo ao Mentalismo, assumem como uma metodologia central a Análise Funcional e como critério de verdade o uma perspectiva pragmática.	

ERY CRISTINA YNOUE / DENIZE ROSANA RUBANO	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE PESQUISAS EXPERIMENTAIS NA ÁREA DO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS
<p>Resumo: Tendo em vista que o campo teórico-prático do Treinamento de Habilidades Sociais é uma área de pesquisa que está em constante desenvolvimento e diversos estudos na área mostram a relevância de utilizar delineamentos experimentais ao mesmo tempo que apontam lacunas no desenvolvimento deste tipo de investigação, o presente trabalho objetivou, primeiramente, localizar estudos experimentais nacionais no período de 2006-2020 em diferentes plataformas (LILACS, BVSAUD, INDEXPSI, SCIELO, PEPSIC, CAPES e REDALYC) para, então, analisá-los segundo suas características bibliográficas - autores, ano, afiliação institucional e periódico - e metodológicas - objetivos, características da amostra, resultados, entre outros. Foram localizados 15 artigos, notando-se uma constância de trabalhos experimentais a partir de 2008. Com relação às características bibliográficas, os resultados mostraram um aumento de autores referência na área, assim como um aumento de instituições aos quais os autores são filiados, quando comparado com revisões anteriores. Quanto às características metodológicas, os objetivos dos estudos voltaram-se majoritariamente para avaliação da eficácia de intervenções e as amostras incluíram diversos tipos de populações com diferentes faixas etárias, características clínicas e níveis socioeconômicos. Percebeu-se que estudos mais recentes vêm trabalhando em uma perspectiva mais preventiva do que curativa e os resultados das pesquisas encontradas mostraram que todos os programas de intervenção foram efetivos. Notou-se, ainda, que a produção de estudos experimentais na área do THS vem gradualmente aumentando, ou seja, a lacuna na produção, comentada por Freitas (2013), sobre o THS no Brasil no que se refere à utilização de delineamentos experimentais para avaliar a efetividade de intervenções, também apontada em estudos anteriores (Murta, 2005; Bolsoni-Silva, et al 2006), vem sendo preenchida. Sugere-se que mais revisões e análises acerca da efetividade dos programas venham a ser realizadas no futuro.</p>	
MÉRCIA SOARES PEREIRA / DENIZE ROSANA RUBANO	TIMIDEZ: UMA REVISÃO ACERCA DAS DEFINIÇÕES E INTERVENÇÕES
<p>Resumo: A palavra “timidez” não é um termo científico e, portanto, não há um consenso em relação à sua definição. No senso comum, é descrita como um padrão de comportamento que envolve medo de interações sociais e manifestações físicas acompanhantes. O presente trabalho teve por objetivo, investigar quais são as classes de respostas emitidas e que se encontram sob a denominação de “timidez” ou “inassertividade” nos trabalhos que buscam lidar com tais classes de respostas, identificando o que está sendo produzido em termos de intervenção. A metodologia consistiu em pesquisa bibliográfica com consulta feita nas plataformas: Periódicos CAPES, Scielo, Lilacs, Indexpsi e Redalycs, com as seguintes palavras-chave: “Habilidades Sociais e timidez”, “Habilidades Sociais e assertividade/inassertividade”, “Treinamento em habilidades sociais e timidez”, “Treinamento em habilidades sociais e assertividade/inassertividade”, “Timidez e Análise do Comportamento” e “Assertividade/inassertividade e Análise do Comportamento”. Foram selecionados somente artigos que constituíam relatos de pesquisa. Os resultados possibilitaram analisar a caracterização dos termos timidez/inassertividade, os tipos de procedimento utilizados nos estudos, caracterização da população e contexto de aplicação, quais variáveis dependentes estavam sendo estudadas e quais técnicas foram aplicadas, assim como os resultados obtidos. Observou-se que há uma correlação entre o que é denominado “timidez” e aquilo que é descrito como “inassertividade”, conceitos cujas definições envolvem um déficit no repertório relacionado a interações sociais. Portanto, as habilidades desenvolvidas nos treinos assertivos são necessárias para aqueles que apresentam excesso de comportamentos caracterizados como timidez, produtos de determinadas histórias de reforçamento que podem ser responsáveis por um repertório de fuga/esquiva devidas a pareamento de estímulos aversivos às situações sociais. Dito isso, devido à importância das relações interpessoais, os resultados obtidos no presente trabalho podem ser úteis na compreensão do que está sendo produzido em termos de intervenção para pessoas que desejam diminuir comportamentos que caracterizam a “timidez”, apontando a necessidade de mais estudos com tal população.</p>	
LETÍCIA GUILHEM ISNOLDO / DENIZE ROSANA RUBANO	O ABUSO SEXUAL INFANTO JUVENIL SOB A PERSPECTIVA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL: UMA DISCUSSÃO ACERCA DAS VARIÁVEIS ENVOLVIDAS
<p>Resumo: O presente trabalho teve como objetivo localizar estudos analítico-comportamentais sobre comportamento sexual como subsídio para uma análise do fenômeno abuso sexual infanto-juvenil. As buscas foram realizadas nas revistas Revista Brasileira de Análise do Comportamento, Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, Revista Perspectivas em Análise do Comportamento, Journal of the Experimental Analysis of Behavior, Journal of Applied Behavior Analysis, The Behavior Analyst/Perspectives on Behavior Science e Behavior and Social Issues. Foram selecionados sete artigos encontrados nas revistas Journal of the Experimental Analysis of Behavior (2), Journal of Applied Behavior Analysis (4) e Behavior and Social Issues (1). Os resultados mostraram uma escassez de pesquisas sobre o tema. Entre as sete pesquisas selecionadas, cinco foram publicadas há, no mínimo, 20 anos. Os resultados das pesquisas com animais apontaram que o reforçador sexual possui particularidades que o diferencia dos demais e que a resposta sexual pode ser condicionada a diversos estímulos. Os resultados das pesquisas com humanos apontaram uma forte influência da cultura e do comportamento verbal no comportamento e excitação sexual humanos. A pornografia infantil ou a pornografia que retrata pessoas adultas com características infantis é apontada como uma variável que possivelmente contribui para a ocorrência do abuso sexual infanto-juvenil. A transferência de função de excitação sexual a partir de relações verbais é sugerida. Analisou-se que, paradoxalmente, a cultura repudia e cria condições para que o abuso sexual infanto-juvenil ocorra, através do emparelhamento de corpos e/ou características infantis com sexo. Sugere-se que mais pesquisas sejam realizadas sobre o tema.</p>	
ANDREIA KARINA CANDIDO DOS SANTOS / CAROLINE LUIZA COELHO / DEYVISON HENRIQUE SANTOS DA SILVA / MARINA KAIRALLA GARCIA DE AZEVEDO / LETÍCIA ROMANO RANGEL / LÍVIA MARINA DE OLIVEIRA / PAULA GIOIA	INTERVENÇÃO NO COMPORTAMENTO ALIMENTAR INFANTIL: O CASO S.
<p>Resumo: O objetivo do presente trabalho foi identificar as contingências mantenedoras do comportamento alimentar de S., estando esse de acordo com a chamada seletividade alimentar. S. apresentava comportamentos de sair correndo durante as refeições, fazer birra quando a mãe pedia para experimentar novos alimentos, assim como o consumo apenas de alimentos como biscoito de polvilho, bolacha, leite com cereal Mucilon e chocolate Batom. Os ambientes e materiais de pesquisa foram a residência de S. e sua mãe C., os celulares de C. e das profissionais, e os diversos alimentos sugeridos pelas profissionais e comprados por C. A linha de base envolveu uma entrevista com a mãe e a observação de vídeos da criança durante as refeições, que eram enviados de 3 a 5 vezes por semana. Após a análise funcional dos comportamentos de S., observou-se que determinados alimentos eram aversivos, como os de textura pastosa ou a base de grãos, os quais evocavam respostas de fuga e esquiva. Além disso, observou-se uma possível operação abolidora para o comportamento de comer. A partir das orientações das profissionais sobre tais ocorrências, houve um aumento no experimentar (e no consumo) de alimentos - o que não faziam parte da rotina de S., sendo eles: bisnaguinha,</p>	

polvilho, gema do ovo, batata palha, casca do nuggets, caldo de feijão, pedaço de frango frito e pão francês. Destes, o feijão, a casca de nuggets, o polvilho e a bisnaguinha foram os mais frequentes ao longo do tempo. Ademais, houve um aumento na frequência dos pedidos da criança para comer e experimentar alimentos, além da diminuição dos comportamentos inadequados durante a refeição.